

da nossa vontade torna-se em contemplação e aceitação submissa da vontade divina.

XLV. A sensibilidade estética será amiudadas vezes o instrumento supremo da ciência, porque só por ela e pelo deleite em que nos prende chegamos à dilatação do conhecimento que a razão, desajudada da energia do extâse, não alcança. Há na sensibilidade estética uma multiplicação das nossas relações com a vida em tôdas as suas criações e movimentos que o mero exame, isento de redução e enlêvo, jámais poderá atingir. Porque o exame tende de sua natureza, a estreitar, aferra-se ao limitado e finito, enquanto o extâse e as alegrias em que êle nos arrebatava, são infatigáveis demolidores de fronteiras na sua jornada de penetração do infinito.

§. O próprio desenvolvimento da ciência não raro encontrará e honestamente confessará que realidades mitológicas primitivas houve que como conhecimento do mundo e da nossa alma antecederam em previsão e sobrelevam às realidades científicas modernas de reagente, balança, metro e histori.

XLVI. O catolicismo, oficial, cesariano, insinuou na vitória fermentos de corrupção do espírito pelo amor da letra. Integrado no imperialismo romano por fortuna política, instituiu-se em sistema à imagem e semelhança do seu patrono, e com êle se consubstanciando por seu turno se imperializou, degenerando de espírito tutelar em absolutismo armado, cedendo ao convite temporal do luxo, da pompa, da hierárquia, do direito, do rito, do protocolo e até da superstição, em

tudo afeiçoando o modo de ser religioso ao modo de ser político, confundindo e identificando o templo, o tribunal e o palácio. O sacerdote e o apóstolo duplicaram-se de legionário e juiz, a persuasão e a devoção foram trocadas pelo mandado e pela obediência mecânica, ao amor de Deus e do próximo baixando dos céus por iluminação interior e livre sobrepôs-se o formulário.

§. Assim foi que o cristianismo, sentindo-se desnaturado pela escravidão a que no predomínio da sociedade civil e seus sistemas se achou sujeito, teve de edificar para seu refúgio a cidade de Deus. Muito mais heleno que romano, mais platónico que catoniano, o cristianismo correu a abrigar-se no ermo e na república monástica, insaciável de liberdade, fé, crença, dever, espontaneidade e singeleza que residem no seu princípio e do seu princípio se derramam em tôda a latitude da vida espiritual e da vida temporal, renascendo a sociedade em uma condição de ânimo que é a negação do cesarismo e sua coacção militar.

XLVII. Se a obra literária é sincera e tem raízes na experiência emotiva do seu autor, revivendo o remanescente do seu drama, a crítica agrava, ainda quando aplaude. Porque devassa uma alma e o seu segrêdo, e o pudor revolta-se, pressente uma vilania, laudatória que ela seja, no pregão público que só pelo facto de a despir e expôr a desrespeita.

(Continuação dos n.ºs 181, 189 e 198)

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.



## O conceito da revolução em Eça de Queirós

Ao biografar, em 1878, o autor das *Farpas*, Eça de Queirós referiu-se à sua geração, caracterizando-a como essencialmente revolucionária, «reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução» (1). De facto, a geração de 70 foi das raras «elites» revolucionárias que Por-

tugal possuiu e das que mais nobre e persistentemente tentou emprender a reforma da mentalidade e dos costumes nacionais.

(1) «Há quasi doze anos appareceu, vinda parte de Coimbra, parte de aqui, parte de acolá, uma extraordinária geração, educada já fora do catolicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado dêles, e reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução». — *Notas Contemporâneas*, 2.ª edição, pag. 40.

Êsse espírito «revolucionário» existe no conjunto da sua obra e tanto inspira os *Sonetos* de Antero, como os estudos económicos de Oliveira Martins ou os romances de Eça de Queirós. Anima essas obras um espírito de reforma que continua as goradas tentativas do século XVIII e princípio do XIX para a regeneração pela inteligência e pela cultura, do debilitado organismo português. É nisso que ela é essencialmente revolucionária e revolucionária da melhor espécie.

como Ramalho Ortigão o deixou caracterizado numa brilhante página que é um autêntico protesto contra as nossas desordens eventuais e contra a nossa desordem permanente: « Não é pela mudança de governantes, sejam verdes e vermelhos, sejam azues e brancos, extraídos todos da mesma massa comum de cidadãos de refugio, combalidos e avariados que se transformam as civilizações. É unicamente pela criação, lenta mas definitiva, da influência das « elites » sôbre a obtusidade das massas que tais transformações se realizam. É pelo saneamento dos indivíduos que se consegue a saúde das colectividades » (1).

Desta mesma espécie o « revolucionarismo » da obra de Eça cujo conceito de Revolução vamos tentar surpreender e definir.

Um dos ensinamentos fundamentais que Eça colheu na obra de P. J. Proudhon foi, sem dúvida, o de Revolução. A sua conferência sôbre o *Realismo na arte* não foi tão levemente inspirada na obra do filósofo como se tem feito acreditar, pois mais do que uma gratuita e dogmática afirmação dos princípios de Proudhon há em toda a obra queirosiana o acentuado e característico espírito do que naquela conferência se afirmou.

Nesta espécie de manifesto de escola e de profissão de fé estética que foi a quarta conferência do Casino, Eça enunciou: « O espírito do tempo é a revolução, que anda por baixo de tudo, convulsionando e abalando, sem que nenhuma coisa possa eximir-se a ela. As nossas consciências estão-se formando por ela. Ela é a alma do século XIX » (2), o que se inspira, sem duvida, directamente nos seguintes princípios de Proudhon:

« La Révolution, au point ou nous sommes parvenus, consommé dans la pensée, n'est plus qu'une affaire d'exécution » (3) e « ...révolution est une force contre laquelle aucune autre puissance divine, ou humaine ne peut prévaloir, dont la nature est de se fortifier et de grandir par la résistance même qu'elle rencontre. » (4)

Mas não é superficial a afirmação, não se trata de um decalque de Eça; o romancista penetra o sentido vivo e permanente destes conceitos e a Revolução não é para ele o motim, a luta da força, a « balbúrdia sanguinolenta », a expansão jacobina de paixões e de misticismos sociais. A Revolução é para ele o factor dinâmico da evolução das sociedades e do progresso humano e como

tal « um facto permanente » contra o qual é anormal reagir.

Nas *Farpas*, por ocasião da sua conferência do Casino (Junho 1871), afirmava Queirós: « Queremos a revolução preparada na região das idéas e da sciência: espalhada pela influência pacífica duma opinião esclarecida: realizada pelas concessões sucessivas dos poderes conservadores; enfim, *uma revolução pelo governo* tal como ela se faz lentamente e fecundamente na sociedade inglesa. É assim que queremos a revolução. Detestamos o facho tradicional, o *sentimental* rebate dos sinos; e parece-nos que um tiro penetra o adversário um tanto mais » (1).

Por isso, porque assim pensava, a obra de Eça, sendo um instrumento de reforma, não proclama uma substituição de regime com os mesmos homens ou com homens da mesma espécie, mas sim uma reforma da mentalidade e dos costumes. Não tem um carácter destrutivo mas regenerativo e a revolução que pretende vir operar é daquela espécie a que Antero se referia na sua conferência *Causas da decadência dos povos peninsulares*: « O seu nome, (o do espírito moderno) é Revolução: revolução não quer dizer guerra, mas sim paz: não quer dizer licença, mas sim ordem, ordem verdadeira pela verdadeira liberdade. Longe de apelar para a insurreição, pretende preveni-la, torná-la impossível: só os seus inimigos, desesperando-a, a podem obrigar a lançar mão das armas. Em si, é um verbo da paz porque é o verbo humano por excelência. » (2)

Opõe-se este conceito de « Revolução » aquele que o sector jacobino da geração de 70 professou e, diferente o conceito, diferente consequentemente a aplicação do principio à sociedade portuguesa. Enquanto Antero, Ramalho, Oliveira Martins, Eça de Queirós pretendem uma revolução lenta e fecunda, feita de cima para baixo, Junqueiro, Teófilo Braga acham a sociedade portuguesa madura pronta à revolução, transformando-se magicamente só pelo poder milagroso das palavras Revolução e Republica, visto que os « grandes princípios » « estavam já formulados » (3).

Transformar as mentalidades, cultivando-as, regenerar os caracteres, melhorando-os, eis o fim superiormente revolucionário da obra de Eça e que sempre lhe assistiu, inspirando-o, à realização de toda ela. Em 1878, escrevendo de New-Castle

(1) *Últimas Farpas*, 2.<sup>a</sup> edição, pag. 176.

(2) António Cabral — *Eça de Queirós*, 1.<sup>a</sup> ed., pag. 127 — O relato da conferência inserto neste livro é o mais completo que conheço.

(3) e (4) — P. J. Proudhon — *Idée Générale de La Révolution au XIX siècle*, 1851 — pag. 33 e pag. 5.

(1) *Uma Campanha Alegre*, 1927, 1.<sup>o</sup> Vol., pag. 106/7.

(2) *Prosas*, Vol. II, 1926, pag. 139.

(3) « Os grandes princípios filosóficos, literários e artísticos estavam já formulados: o que mais se carecia era a sua aplicação às cousas portuguesas. Era uma renovação ao critério, com a qual o espírito se tornava criador. » T. Braga. *As modernas idéas...* Vol. II, 1892, pag. 200.

a Teófilo Braga a propósito do *Primo Basílio*, o romancista definia a posição da sua obra perante a sociedade portuguesa: « Uma sociedade sôbre estas falsas bases, não está na verdade: atacá-las é um dever. E neste ponto o *Primo Basílio* não está inteiramente fora da arte revolucionária, creio. Amaro é um empecilho, mas os Acácios, os Ernestos, os Saavedras, os Basílios são formidáveis empecilhos: são uma bem bonita causa da anarquia no meio da transformação moderna: merecem partilhar com o *Padre Amaro* da bengalada do homem de bem. » (1)

Assim « Revolução » é para êle, como se deduz das suas próprias palavras, o facto permanente de transformação e melhoramento das sociedades (2). Tendo um carácter acentuadamente regenerati-

(1) T. Braga—*Quarenta anos de Vida Literária*, pág. 93.

(2) O mesmo pensamento que Carlyle assim exprimiu: « Toutes choses sont en révolution, en changement, d'heure en heure, ce qui devient plus sensible d'époque en époque: dans ce monde qui appartient au temps, il n'y a, à proprement dire, rien que révolution—*La Révolution Française*—Alcan, 1.º vol., pág. 275.

vo, como já notei, não procedendo por negação nem destruição daquelas « instituições que são de origem eterna », no conceito de Eça a « Revolução » deverá existir como uma contra partida da Tradição e no equilíbrio destas duas forças estará a condição vital das sociedades, estará mesmo a condição de tôdas as obras humanas, não se lhe subtraindo a própria Arte: « Nesse equilíbrio está a condição própria da ordem — da ordem que na sociedade se reveste do nome de Justiça e na Arte resplandece sob o nome de Beleza.

Sem a Tradição os Estados e porventura as literaturas rolariam na anarquia de um desordenado e estéril individualismo. Sem a Revolução, os Estados incrustar-se iam numa tirania inerte, produzindo, acima de todos os males, o enfraquecimento dos caracteres e as literaturas inevitavelmente cairiam na rotina, produzindo, acima de todos os males, o adormecimento das inteligências. » (1)

CASTELO BRANCO CHAVES.

(1) *Notas Contemporâneas*, 2.ª ed., pág. 196.



## O ENSINO TÉCNICO DE ARTE DECORATIVA EM PORTUGAL

Quem visitou, na Exposição das Artes Decorativas de 1925 em Paris, a secção das escolas suíças, tchecas, polacas, austríacas, russas, etc., fica admirado de que em Portugal se esteja tão satisfeito com o que para aí temos sob o nome de Escolas Industriais.

A riqueza de uma nação depende do seu ensino técnico. Um povo que sabe trabalhar é um povo rico, e a Suíça de tal maneira encarou sempre o problema sob êsse aspecto que isso a levou a criar cursos especiais para aqueles que não receberam a sua educação técnica completa, durante a guerra, por as suas escolas terem funcionado de maneira irregular devido à mobilização de alguns elementos que as compunham.

Justificaram esses *Cursos de complemento de ensino* como medida preventiva para os que não tendo recebido essa educação completa se não viessem a encontrar na vida em situação inferior àqueles que a tinham recebido antes e aos outros que a recebessem depois.

Aquella exposição foi uma parada de forças que serviu para avaliarmos os progressos dos que cuidaram muito a sério do seu ensino técnico.

A Áustria conseguiu equilibrar a sua vida económica por ter levado desde sempre o ensino das indústrias de arte à máxima perfeição. A sua escola de Viena surpreende-nos pela sensata e complexa organização. Quando dizemos: — a sua escola, é por ela ser de facto o único instituto organizado com aquela inteligente e larga visão, tão necessária para fazer a obra de futuro.

É esta a única escola de arte decorativa em que havia — naquela data — um curso especial para a letra, além de o vasto ensino de todas as outras especialidades.

A Tchecoslovaquia que prospera de dia para dia, tem na sua escola de Praga, o segredo do ressurgimento das suas indústrias de arte de que muitos produtos aparecem no nosso mercado.

A Polónia, logo que recuperou a sua independência, tratou simultaneamente da questão financeira e das escolas técnicas, aplicando princípios que podem servir de modelo a qualquer país.

No regulamento da escola de Varsóvia temos o seguinte: — Durante a guerra o nível de ensino nas escolas baixou duma maneira evidente; agora, que chegou o momento de trabalhar pela *prospe-*